

12-2015

Após longo e Cruel Sofrimento - Esperança renascida

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Após longo e Cruel Sofrimento - Esperança renascida. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol25/iss25/30>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

do século 19. Contam os Diários das Missões que cinco anos depois de ter chegado ele já oferecia aos colegas uma gramática, um dicionário, um livro de cânticos e um catecismo em 5 línguas dos povos do sul.

Contam ainda os Diários das Missões de Angola (fontes indispensáveis para história do país) que, quando se fundava uma Missão, havia sempre 4 preocupações: construir a capela, a escola, o dispensário, e abrir uma vala desde o rio mais próximo até à horta da Missão. Vinham depois as Oficinas e a Cerâmica para as construções. A última construção era a casa dos missionários – até lá iam morando em casa de pau a pique (paus entremeados de barro).

Tudo o que é humano é passível de alguma crítica, pois a perfeição é uma caminhada que não tem fim. Nestes 300 anos de vida missionária dos espiritanos, houve por certo erros e enganos. Mas, em particular depois que o P. Libermann refundou a Congregação do Espírito Santo, a ação dos seus discípulos marcou a história, religiosa e civil de toda a África. Angola é uma das joias mais preciosas dessa consagração dos espiritanos ao Evangelho, ao povo e à Missão. Certo: por detrás de tudo, esteve sem dúvida a ação do Espírito Santo agindo no coração de um povo tão aberto à religião como são em média os africanos. Mas os homens colaboraram.

In «Encontro» n.º340 – fevereiro 2002

APÓS LONGO E CRUEL SOFRIMENTO **ESPERANÇA RENASCIDA**

Renascido, porque foi longo e cruel o sofrimento a que o povo esteve sujeito desde a alegria da independência, e para o qual não há explicação senão o modo incorreto como a autonomia aconteceu e o desejo doentio do poder por parte de alguns. Quase apetecia perguntar: mas é mesmo a sério que a paz chegou? Como explicar que em tão pouco tempo as Autoridades e os implicados na guerra passem de uma linguagem agressiva e exclusivista para um discurso fraterno e tolerante?

É mesmo paz

É opinião geral em Angola de que realmente a paz chegou. Já se circula por todas as estradas do país, com o único senão do estado calamitoso da maioria das vias de comunicação. Mas em que se fundamenta a certeza prática da paz? Em sinais, marcados pela cultura e modo de ser africanos, que rodearam o reencontro de uns e outros.

Os acordos de paz anteriores foram sobretudo jurídicos e conduzidos por sensibilidades estrangeiras. Agora, foram os angolanos que se encontraram e convergiram no desejo de paz. Prevaleceu, não a dimensão jurídica, mas a abertura fraterna e vivencial própria do temperamento africano.

Diziam os antigos romanos que “vae victis” – ai dos vencidos. Uma publicação em Luanda chegou a titular a sua notícia da paz como “rendição” de uma das partes. O comportamento e a linguagem oficiais foram bem diferentes. Afirmou-se que não havia vencidos, e que havia somente a vitória do povo. A fase final da guerra brilhou por uma surpreendente e belíssima grandeza de alma. Discuta-se o modo como o Líder da mata terminou seus dias; mas é legítima a dúvida de haver algo de patológico na sua apetência do poder. Seja como for, as Forças do Governo fizeram tudo ao seu alcance para tratar a situação com magnanimidade exemplar, quando havia ainda meia centena de milhar de homens do outro lado com armas na mão. Procuraram todos os meios de contacto possíveis, propuseram paz e mútua aceitação, enviaram mensagens de reconciliação, apelaram ao bem do povo e à urgência da paz.

Pouco a pouco, todos os generais responsáveis das zonas militares (afinal, paralelas de um e outro lado) puderam encontrar-se, dialogar e comer juntos.

Merece destaque este último pormenor, que não acontecera deste modo nos acordos anteriores. No jeito de ser africano, uma reconciliação não está segura enquanto as partes não se sentam à mesma mesa para uma refeição comum. Comer juntos, sanciona e avaliza o acordo realizado, que, se jurídico, passa a ser principalmente vivencial. Foi o que aconteceu logo no princípio do processo de diálogo e ao longo do mesmo. Ninguém duvida de que quase saíam dos olhos do Presidente, marcaram viragem na história do grande país que será Angola. Irá o futuro desmentir este presságio? O mais racional é pensar que não, descontando a fragilidade, sempre possível, de tudo quanto é humano.

Papel da Igreja

Os Bispos católicos haviam decidido anos atrás que o IV Domingo da Quaresma fosse dia nacional de reconciliação. Há 2 anos, um entrevistador da Rádio partidária, questionava assim um missionário: para a paz, que adianta o que faz a Igreja? Para quê tanto discurso? Será que consegue aproximar as partes? Até hoje o resultado é nulo...

Foi-lhe respondido que a intenção dos Bispos e a sua insistência na reconciliação e no bem do povo, já desde 1978 e sobretudo quando em 1992 começou a 2ª fase da guerra, a intenção não era de aproximar partes, pois só elas o podiam fazer. Era de tentar mudar a mentalidade dos contendores: deixar de ver o problema angolano em termos de confronto, e antes convergir para um modo de pensar em que o bem do povo fosse valor absoluto e critério de tudo.

Uma das surpresas maiores da viragem angolana foi a mudança de linguagem por parte dos Responsáveis. Antes, a outra parte era tida como um grupo de criminosos. Agora, começou a falar-se de bem do povo, de perdoar até do fundo do coração, de tentar curar feridas... – o oposto do discurso anterior. Afinal, a linguagem da Igreja passou. Confidenciava há tempos um ilustre deputado, em mesa redonda na Rádio católica: embora não reagindo ou até mostrando desacordo, nós sempre registámos o que foi dizendo a sociedade civil em particular a Igreja católica, e isso era para nós motivo de reflexão.

Os missionários do povo

Reencontrada a paz, é legítimo dar graças a Deus pelo pessoal da Igreja, Bispos, Padres e Irmãs que, em grande maioria, ficaram sempre com o povo, alguns com mais de 25 anos de sofrimento, partilhando a sorte da gente simples. Quem diz que uma Consagrada não é uma mulher forte, por vezes mais resistente que os homens? Bailundo, Kwito-Bié, Huambo, Cubal, Menongue, Kalandula, Malanje, e outros Centros missionários foram marcos de uma dedicação a toda a prova. Quando, por vezes ao fim de anos, conseguiam vir à capital notávamos a sua magreza, a necessidade irreprimível de falar e ser ouvidos, a preocupação com voltar e levar alguma coisa para o povo. A seu modo, também eles contribuíram para o renascer da esperança em Angola.

In «Encontro» n.º 344 – junho 2002